

ZEUXIS E BABEL – IMAGENS DE FILOSOFIA

“L’intelligence est intuitive, c’est le contact direct avec la chose, sans tenir compte des médiations, le contact direct avec le nouveau. L’intelligence est aigüe, tranchée, brillante, jeune. Dansante. Toutes vertus condamnées par l’Université. (...) L’université en ce moment couronne toutes les vertus qui ne sont pas de l’intelligence. Il faut copier pour faire une thèse, plus vous copiez, plus vous êtes sérieux (...) Tandis qu’un esprit brillant est mal vu”

Serres, *La haute couture de la connaissance* – 180

À menina de vermelho de *Schindler’s List*
A George Steiner

Ironicamente, o Duplo domina a cena, duplicidade e cumplicidade na figuração: serão as duas irmãs, representadas na pintura (Vide Bibliografia final), que são observadas por duas estranhas e contemplativas espectadoras (dir-se-iam oriundas doutro tempo e doutro espaço, marcianos talvez), ou, pelo contrário, serão as espectadoras que são observadas subrepticamente pelas figuras da obra. *Somos nós que vemos ou somos nós que somos vistos?* Duplicidade que é sobretudo reflexo e espelho, duplicação imaginária fixada no instante perene que nos aproxima de um limite. Questionamos no princípio deste escrito: será que todas as personagens não farão parte de uma só pintura, ou do seu simulacro, de uma só realidade, ou da sua própria dissimulação? Será que a representa-

ção é apenas intrínseca ao quadro ou igualmente extensível ao seu exterior? Por outros termos, é a pintura, é a obra que mimetiza o dito real ou será este uma cópia, sempre imperfeita e perversa, da representação supostamente ideal.

Começamos com interpelações e metáforas, dado que todo o pensar é metáfora, deslocamento, errância. Donde o diálogo com a Imagem e, também, com o *gesto iconoclasta* que está na base da criação. Donde o diálogo com o Logos, sempre pluralista.

O que está em causa ao longo da questão filosófica, chamemos-lhe assim, é esta potência da representação, o jogo da mimesis (ou *imago mundi*) no qual o mundo é vivenciado através de dicotomias e bifurcações de pensamento, de categorias do tipo sujeito-objecto, representante e representado, identidade ou diferença, etc. O que se joga é o próprio gesto da condição humana, de animais representativos e simbólicos que somos e dizemos ser, afundados na trágica mediação dos códigos, dos poderes e imagens, na inquietante estranheza da prosa do mundo ou na confusão de linguagens e olhares. O filósofo preso na rede inextrincável da linguagem... Problema babélico, por conseguinte.

Falaremos então de duas tópicas, ao longo do presente texto: a tópica de Babel e Hermes (ou Hermès, passo o galicismo) e, a finalizar, a tópica de Zeuxis, quer dizer, um certo (ou incerto) enredo, ou intriga filosófica, no horizonte de abertura do filosofar mais ou menos contemporâneo. Zeuxis, o artista grego que pintava lentamente, porque desejava pintar a eternidade... e possivelmente tê-la à pintura.

Ora esses dois grandes paradigmas – Babel-Hermes, dum lado, e Zeuxis, marcam grande parte da *pulsão filosófica* do nosso tempo (e não será todo o tempo um tempo de tradição e *repetição?*), para lá de todos os “ismos” que habitaram este século, desde Marx no jardim de Epicuro aos existencialismos, estruturalismos (os pós, os desconstrucionismos, as antifilosofias), desde os positivismos e logicismos aos historicismos e idealismos, pragmatismos e ironismos, enfim, kantismos com ou sem sujeito-transcendental... Todos sabemos que o cardápio é infindável e levar-nos-ia certamente a uma *crítica da razão dietética*, escrita de cinismos elaborada por um epígono da arte da fruição e digestão.

Mas coloquemos a questão “essencial”: e “o que é” isso de “essencial” no final deste século? “O que é” – questão essencialista-

substancialista que as modas contemporâneas (ou serão modos de Ser?) transformam em “quando há” (“quando há filosofia”, “quando há arte”, etc.) ou “como é que funciona” (o par de lunetas... a *caixa de ferramentas...* etc.)? Ou...?

Certo que a “resposta” depende sempre de um determinado *grupo* (que aceita ou convencionou chamar “isto” de “Arte”, etc.), texto ou con-texto temporal, no quadro de um paradigma agenciado (mas será apenas o grupo? E o “in-temporal”? Um gesto vazio, hoje?).

Para todos os efeitos vivemos a era “comunicacional”, mediática e interactiva, era do efêmero e do inferno da vertigem, (da dromologia-dromomania ou automatismo ambulatório...), do admirável ou abominável mundo novo, de clonagens e quarks-top, auto-estradas de informação e des-informação, enfim todo um século prolixo em marketing e “brainstorming” (“six thinking hats” de Edward de Bono?), século do potlatch da informação, dos poderes do horror, do holocausto. Era do crepúsculo de ídolos e ícones, era do naufrágio de todas as categorias, a começar pelo próprio Homem (e suas “feridas narcísicas”), pelo Dasein abandonado às intempéries e ao risco do mar alto, sem a “segurança” de um referencial ou geometral fixo, lançado na Odisseia pela Odisseia – Odisseia de Odisseus (do *Meth-Odos* ulisseano).

Ora, o essencial pode ser diferente do fundamental: enquanto o essencial nos reporta ao “debate essencial” (*Ousia* dos antigos) e ao “Sentido do Ser” e do Criar, o fundamental introduz-nos na Presença (*Parousia*) do que sub-jaz, do que jaz no fundo, e que passa pelas metáforas do Aberto ou da Clareira, metáforas essas que não são apenas metáforas mas conceptualizações que intentam numa origem radical – talvez plural. Um Fundamento de Fundo, in-fundo, ou in-fundado, mas sempre problematizante.

E o que sub-jaz: é o Ser que se diz de múltiplas maneiras, afirmam desde sempre os ditos filósofos; é também o *Ser qualquer coisa mais do que Nada* (acrescentam)... Toda a história da metafísica ocidental reside neste “mais do que” (*potius quam*). Há qualquer coisa – tem de haver qualquer coisa, porque é melhor que algo exista em vez do Nada (princípio do melhor?).

Consequentemente, se o Ser é insurreição contra este Nada, horror do vazio, é porque se revela e manifesta como Abertura do Pleno e da Presença, abertura do dom ao mundo, manifestação a

partir do fundo. E o fundo, esse fundo que nos cabe, permanece abissal (*Grund e Abgrund*) – e infernal mesmo.

I.

– Primeiro ponto: pensemos então em Babel.

Desde sempre, os homens temeram o retorno do Dilúvio, da grande Catástrofe. E, ao mesmo tempo, cada época, cada *epistémè* (*-diastémè*), cada sentir, procurando conter a sua catástrofe, a sua “escrita” do desastre, procurou também expurgá-la, orgulhosamente erguendo a sua gigantesca Torre de Babel, para chegar ao topo, ou ao topos do divino.

Em hebraico, Babel quer dizer Porta de Deus (Bab-Ilu/Bab-Porta e El-Deus), Porta do Céu, e “bâlal” aponta para “confundir”, “baralhar-embrulhar”.

– Babel é o *observatório* que tenta unir os mundos subterrâneo e cavernoso, a terra e os céus. Só que Deus castiga os homens pelo desafio e cada vez que uma torre se constrói (*Sears Roebuck Tower* – arranha céus?), cada vez que o gigante Nemrod edifica a Torre, a confusão das línguas se instala, os homens deixam de se compreender, talvez nunca se tenham compreendido.

O Paraíso existiria sim, no tempo em que toda a terra pertencia a uma mesma língua.

– A Torre de Babel é por isso geradora de ambiguidade, de multiplicidade: por um lado o sentimento de totalidade, como um sólido (?) *panopticon* que desafia os deuses e consubstancializa em si a totalidade do poder-saber (a perversa desmesura do homem que procura igualar-se a deus) e, por outro, o vírus de ruína que, fatalmente, o impulso pelo Todo transporta.

A ereção da Torre ciclópica faz com que Nemrod, símbolo bíblico da revolta, penetre o céu, sabendo nós que Nemrod é diabólico e a Torre, sua expressão, é o templo ou a ziggourat da viciada Babilónia, desta vez sem miríficos e reconfortantes jardins suspensos.

– O babelismo é portanto um barbarismo e um belicismo, belo, bélico e babélico: ou seja, o poder substitui-se à busca de espiritualidade, ou a vontade de potência domina a vontade de criação; a profanação do sagrado *está aí*, patente, nessas quiméricas constru-

ções feitas somente para a morte, expostas à desconstrução. O único fito de algo aparentemente compacto e maciço, que se exhibe na sua robustez, mas que oculta a sua própria desintegração ou castração, um edifício real que manifesta a sua irrealidade, é afinal o vir a ser destruído pela cólera dos deuses. Arquitectónica estável, sim, mas já e sempre contaminada pelo fluxo, pela flutuação, pela metáfora que espreita.

– Em suma, pensar a ruína, a explosão, é também sentir que o nosso ser se desvanece e arruina, ser que é *desvanecer* ou desperença, sendo a poética da ruína a poética da lacuna, de uma omissão sem remissão possível.

Ora, a Filosofia deve *dizer tudo*, nada omitir, deve lembrar-se do Tudo, e continuar a dizer tudo, como vem referido aliás num romance impertinente e lancinante de um marquês que queria ser escritor, mas certamente nunca o foi.

A Filosofia, dizem, tem como especificidade a totalidade do saber, foi sempre esse o pathos filosófico, desde a *Metafísica* de um enciclopedista remoto até à lógica da filosofia de alguns contemporâneos, passando por críticas de razões puras e impuras, por Krisis e analíticas da existência, “problematologias” e “controvérsias”. O *pathos* da Totalidade – ou dos totalitarismos que aconteceram e que por aí ainda pululam, confunde-se com a Imagem (*Imago* fantasmático) da Torre, visão onnipotente e simulacro do olho de Deus, cujo destino é afinal a sua própria explosão e (*omn*)*impotência*, passo o termo.

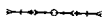
Sabemos que a provocação se paga caro, como aconteceu com aquele mago e apóstata queimado em 1600, no *Campo dei Fiori*, actualizando assim os seus heróicos furores, ou como aconteceu ainda com o utopista da cidade-sol, submetido anos a fio à tortura e encerrado vinte e sete longos anos nas masmorras de *Castel-Nuovo*, em Nápoles, apenas por ter sugerido naturalmente que é o homem que dirige as profundezas, que é o homem que sobe aos céus sem asas, que é o homem que conhece a natureza dos astros e fixa as suas leis, como um Deus. O desafio tem um preço e os homens que ergueram Babel continuam a sofrer o pecado original, a cicatriz que persiste. Tal como a Biblioteca de Babel, a Torre existe *ab aeterno*, abarcando todos os níveis e combinatórias, contemplando entradas possíveis e até impossíveis.

Certamente que todos os períodos foram de Krisis, ou seja de

opção e escolha, de apocalipse mesmo, de revelação e cataclismo, se bem que a filosofia tivesse sempre presente, e manifestasse expressamente, tal obsessão totalitária: a contemplação da soma total, da fusão de todos os registos numa *Suma Universal* e eterna que não remete apenas para o *Eidos* da Ideia, mas para uma construção física e concreta. E isso conduz-nos inevitavelmente à metafísica da con-fusão dos românticos, por um lado, às ontologias da declinação e da subjectividade por outro, à desconstrução de todos os sujeitos transcendentais, ao “metódico” anarquismo epistemológico, leva-nos às sucessivas mortes de Deus, mortes da filosofia, mortes do homem.

Tal como nos aproxima ainda das analíticas do ser e da morte, do nihilismo do ser e do nada, dos amargos *silogismos* de uns e do Dasein angustiado de outros, das epistemologias e hermenêuticas do demiurgo Hermes, das interferências de um mundo que já não é mundo mas que cada um interpreta e manipula a seu bel-prazer.

Filosofia da totalidade, seja. Para onde caminha a filosofia, quais as veredas, quais os desertos? Caminhará em direcção a si-mesma, como sempre o fez...?



– O paradigma, já se disse e todos sabemos, é Hermes, de hermética e *ars hermeneutica*, do verbo *hermeneuein* que significa interpretar, mas também explicitar, descrever, explicar. É Hermes, mesmo que o seu fim seja igualmente a mutilação.

O comportamento de Hermes é o de Arlequim, mensageiro de novos e de outros mundos – o seu pensamento é transporte e errância, só é possível enquanto circulação contínua. O demiurgo Hermes, filho de Zeus e Maia, não se compreende apenas como o Mercúrio galante da produção de mensagens, deus do comércio e do error, da navegação, mas é também o protector e patrono de vilões e andarilhos, da retórica, da eloquência e linguagem, símbolo do intelecto pervertido e da inteligência industriosa, da Métiis, insinuando-se mais através da astúcia, da malícia, da agudeza e manha do que através de qualquer panóplia de *verdade e método*.

Reza a lenda que Hermes inventa a lira estendendo sobre a carapaça de uma tartaruga as cordas fabricadas com os intestinos dos bois sacrificados. Refugia-se numa gruta e Apolo escuta-o,

atentamente, inventando depois uma flauta e oferendendo-a a Apolo, a troco de lições de magia divinatória. Zeus acaba por escolher Hermes para servir de mensageiro junto dos deuses infernais, Hades e Perséfone.

Hermes, espécie de Tintin – infante das sete partidas ou Champollion – decifrador dos enigmas, hermeneuta da suspeita, guia as almas na estância dos mortos e assume a frágil mediação entre a divindade e os homens: Hermes-Thot, também, inventor do número, da geometria e astronomia, e da “coisa engenhosa” (diz o *Phedro*) chamada escrita, feita para melhorar a sabedoria e a memória dos antigos.

Em suma, a marca da *contemporaneidade*, se é que existe contemporaneidade(s), reside então nessa *explicação-complicação* de cruzamentos e escritas.

Escrever é escrever na língua de Thot-Hermes, que veicula a morte: e o fim de Hermes é também aqui o destroço, dispersão, objectos parciais derramados no chão ladrilhado, toda uma mitologia que sobrevive a outra. Hermes encontra-se despedaçado mas como a Phénix (*Logos-Phénix*) renasce e reincide cada vez mais.

E isto porque a *maravilha das maravilhas* já não é que o Ser seja, mas sim que as metáforas, os *transportes* e as diferenças, persistam e se reflectam infinitamente, como num caleidoscópio ou no modelo reticular de Penelope, infatigavelmente urdindo e desurdindo a sua teia, até à exaustão. Contemporaneidade que nos assiste também na distribuição, circulação, tradução e na criação do que alguns chamaram provocatoriamente de *artrologia* – não astrologia, mas que sei eu disso –, ou aquela ciência dos *articuli*, das articulações entre dispositivos de saber, de poder saber.

Tempo da mistura que é o nosso, dissemos atrás, da analogia e do *neo-barroco*, tempo de novos iluminismos e enciclopedismos, de novas penumbras também, da confusão de línguas e códigos, dos jogos de linguagem, ou da especialização de filosofias mais ou menos analíticas (*anais?* ou “masturbação de grilos?”, diria o *diarista-cenógrafo da noite e do mundo...*), perdidas na sua fase oral, no mito da cientificidade e na psicose do detalhe.

A nossa questão é esta: *não existe, por isso mesmo, Filosofia*, o que poderia ser uma breve tese, hipótese de trabalho – *a Filosofia nunca existiu*. Mas sim Filosofias, no plural e na inquietude do signo (depende sempre do ponto de vista), na multiplicidade que

também faz o jardim das delícias de muitos: Métis e mestiçagem, ciências e letras, combinatórias que definem um outro espaço filosófico de sistemáticas analogias, de modalidades e relações instáveis, espaço móvel de fluxos ou estranho atractor que atravessa o ruído, a turbulência, o caos de Hermes em direcção ao sentido, ou à multiplicidade de sentidos. A filosofia passa necessariamente *pelo jogo de linguagem*, pela narratividade ficcionada, pela abertura irreduzível da obra, pela estratégia de um campo fluido de forças dinâmicas, intensidades, um território de areias movediças, problemático, conjectural, heurístico.

– Voltamos novamente à duplicidade que esta nova imagem exhibe: dum lado, a ontologia bem comportada aspirando ao saber absoluto, do outro, ou, maliciosamente, por detrás deste, o gesto maníaco e rigoroso de um outro ser ou uma outra Sophia (*Roberta e Octávio*), poderia ser a dos desastres, metamorfoses e caprichos, uma filosofia mal-dita (ou que ainda ficou por dizer e ficará sempre por dizer). Desta duplicidade insidiosa a história da filosofia jamais se libertará.

Fatalidade ou *fractalidade*, uma vez mais, das aventuras da diáfora, da famosa diferença ontológica, não redutível a qualquer cálculo de predicados, até porque a “Diferença” (estética...), a própria Vida... não são simples predicados e argumentos (repete o filósofo das máscaras).

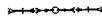
– Duplicidade que nos conduz a uma trindade santíssima da qual indelevelmente fazemos parte, trindade edipiana, S. Jorge-a Princesa-o Dragão, e que remonta também ao mito de Hórus, ou ainda à batalha *órfica* entre o titã Kronos e o serpentino dragão Ofioneu: a imagem é clássica e observamos o Santo desferindo o golpe mortal, a Princesa e a gruta, o grotesco e o sublime, a simbolicamente a morte e a redempção;

– mas podemos observar igualmente o herói do sentido, usando um branco e inquietante chapéu imaculado, junto da aparição da virgem, ao pé do monstro que se agacha aos pés do santo, fazendo o ninho (e que, no caso, pode até ser um dragão trocista que sorri): afinal, assegura-nos o poeta, “os dragões da nossa vida são talvez princesas que nos esperam ver (...) corajosos “ e “Todas as coisas terríficas talvez não sejam senão coisas sem socorro, que esperam que nós as socorramos” (*Cartas a um jovem Poeta, sage e sagital...*).

– Por outros termos, presenciemos o herói-Siegfried que con-substancia em si o conceito e o significado transcendental, junto ao monstro que o desafia e desconstrói ou que ri como esquema significativo e provocador, e a princesa como imagem e miragem de sentido, aura perdida e resgatada.

Regressamos sempre ao local do crime, à epopeia da criação: Zeus derrotando o monstro Tifeu de cem cabeças de serpente faiscando labaredas, ou Édipo, o monstro Laios-homossexual, andrógino (como Hermes), a parte maldita na triangulação (é óbvio que tudo se poderia inverter e recombina), e finalmente Jocasta. A mitologia repercute-se na filosofia: Conceito-Eschema-Imagem ou topologia do imaginário corresponderão porventura ao mito do nascimento do herói, ligado ao esquema diabólico (que divide) e monstruoso (o monstro-bifurcação e retorno eterno do recalçado) e à mirífica imagem de uma aparição, de uma anunciação, bendita ou amaldiçoada.

– Para todos os efeitos, a heráldica do dragão persiste quer como figuração do sublime e do sinistro, quer como espaço mágico que somente o desenho infantil, como este, de uma criança de 7 anos (naturalmente, um número sagrado), pode insinuar, comunicando um encantamento ou embruxamento cuja potência predomina bem para além da letra e do grafismo: o dragão do “igipto”, “97 metros” (novamente o sete), de “cornos e rabo em forma de pá”, “garras gigantes” (ou o “dragão picoso”, “dentes mais afiados que uma faca”, “garras assassinas”, “olhos amarelos que brilham “ e “quatro picos na cauda”), o dragão que seduz pelo feitiço, exibindo os egípcios e rasgados “olhos mágicos” junto a essa “língua poderosa” das origens. Provavelmente das origens do Ser... A Obra, écrã demoníaco, no jogo da imanência e transcendência, murmura-nos em segredo o que poderá ser uma terapia (o *cuidado*). A Obra *cuida* afinal de nós, manifestando-se na sua imensidade, transfiguração, ou até mesmo transsubstanciação.



– Regressemos à questão filosófica (donde aliás nunca saímos), um pouco “à la Recherche de la Vérité”.

Podemos constatar que filosofia é, foi, continuará a ser-Ser, ou uma palavra que fala grego, mas uma palavra difícil que fala a lín-

gua originária (a ruga ontológica da origem), ou que insiste na Demanda, no Graal, percorrendo obstinadamente ao longo dos tempos, os avatares e panóplias das categorias, dos transcendentais, das estruturas, do pensar autofágico que se pensa a si mesmo, do Uno e do Múltiplo, das dicotomias, da Verdade ou do Sentido.

E talvez que o milagre não seja apenas grego mas egípcio, o enigmático efeito-egípcio, e talvez que a Sofia (toda a civilização?) seja, tão-somente, um prolongamento do mito de Osiris ou de Ísis, da sapiência de remotos videntes e xamãs, druidas, Zoroastros e profetas, astros e vedetas ou poetas hoje esquecidos.

O dom de ser (“es gibt”) não reside apenas na inversão-perversão do platonismo e consequente glorificação do reino dos simulacros, na irredutibilidade do Outro ou na “diferrância” tão apreçoada pelos desconstrutores e massacradores do pobre logocentrismo ocidental.

Os filósofos são animais tristes (alguns) navegando à deriva pelos tristes trópicos em busca da identidade perdida, de um tempo e lugar que já não existem, ou de uma razão na Tradição que repetem compulsivamente, sacerdotalmente, copiando e recopiando comentários de comentários, palimpsestos de palimpsestos, em busca do texto primeiro, do simulacro original, da totalidade perdida. O que se produz então nas unívocas universidades (algumas) não é pois a produção e criação de qualquer coisa da ordem do “novo”, mas sim a reprodução de dispositivos gastos, monografias ditas científicas e assépticas, bacteriologicamente puras ...é preferível o arrebatamento apaixonado da produção do Novo (o Novo que é sempre a nostalgia do Outro), mesmo com erros e excessos, do que o discurso certo e polido mas sem arroubramento, como nos confidencia um texto longínquo, porventura sublime.

– A imagem do filósofo é conhecida na sua *moldura* sofisticada ou *produzida*, como se diz hoje: um ser nocturno que pensa e que não ri, que pergunta teimosamente (sem chegar a saber e sabendo que jamais chegará a saber, etc.) *o que significa pensar?*, e que ascende da caverna às alturas, mas sem deixar totalmente o Hades e a fascinação do abismo, o desassossego, a inquietude das pequenas percepções ou mesmo o espaço contorcido que nele habita. Ascese do *Filósofo em meditação*, mergulhado no claro-escuro, prisioneiro do fosso, ao pé de uma escada em hélice e arabesco, esperando por uma luz redentora (talvez virá), a invisível luminosidade

dade ou a purificação da transcendência. Mas estando igualmente ciente desse *outro espaço*, unindo o contínuo aos indiscerníveis, à máxima variabilidade, espaço intensivo da descontinuidade que inaugura o diagrama barroco ou a cornucópia dos sentidos, apontando para um Exterior irreduzível, para uma nova era de pensamento, em direção a uma outra semiologia do olhar (cfr. tb. in *Variations/Bibliografia final*).

Quatro condições são apresentadas, ao que dizem, para um manifesto a favor da filosofia, entendida como “ontologia das multiplicidades”:

o *mathema* ou a *mathesis* porque certas filosofias aspiram ainda hoje, utopia das utopias, a uma retórica do sistema, a uma *Mathesis* ou *Characteristica Universalis*;

o *poema*, por outro lado, que nos transporta ao Poema do ser, ou ao oráculo, à criança do devir;

depois, a invenção política que nos enraíza numa historicidade à qual não podemos fugir (a uma hermenêutica *dialéctica* ou dialógica do contexto histórico, político, social a que pertencemos);

e, finalmente, o amor. O amor, dizem. A amizade do saber, ou da sabedoria, *Gelassenheit* ou serenidade de um tempo apocalíptico que foi e ainda é o nosso, ou simplesmente Sageza, amor de sageza e sageza de filosofia. Sábio abandono, desprendimento...

Por conseguinte existem *filosofias*, sistemas heteróclitos e/ou poemas que se constroem e degradam, heteronimias e aforismos, caminhos da floresta e ditirambos, fragmentos e discursos do método, e diálogos contra o método, enfim, discurso e violência que perfazem a metáfora viva, ou talvez a metáfora morta, da utopia da razão feliz.

Vigiar e Punir não é o que resta da filosofia (do Tribunal da Razão, que é sempre “tribunal”), o seu *traço arcaico* e mais ou menos coerente – o saber não é apenas feito para o prazer, talvez nem chegue à consolação da douta ignorância ou do “filocentrismo”; o saber inquieta, descentra, desconstrói, desmorona e fere, confere sentido por vezes (poucas?). A filosofia foi já abolida, como a explosão ou implosão da grande torre de Babel ; reduz-se hoje à ruína, a uma brevíssima disciplina académica, como nos assevera um arqueólogo ou cartógrafo dos nossos tempos, ou dos fins dos tempos.

II.

“Ce n'est pas une toile, c'est une femme! une femme avec laquelle je pleure, je ris, je cause et pense”

(Frenhofer)

– Depois da torre de Babel, depois de Hermes e dos filósofos da comunicação, depois do filósofo autista na sua torre de marfim, é legítimo pensar no tópico de Zeuxis, em função deste turbulento final de século e de milénio.

Não temos pinturas de Zeuxis mas a “arte”, como toda a “Arte”, é a do trompe-l'oeil...

História de Zeuxis e das aves enganadas. Ou das cartas e da cumplicidade dos olhares.

As anedotas proliferam, e Zeuxis é enganado, tal a ilusão. O pintor funciona como uma espécie de Frenhofer helénico, não o “vil copista”, mas o inventor, o ilusionista da *Obra-prima desconhecida*.

A composição é plana, a mão pode tocar e topar com a superfície plana, mas o olhar continua a deambular, julgando tratar-se de um relevo, o segredo do relevo (eis toda a arte de Zeuxis), de um objecto real e não da sua representação.

– A pintura é uma gaia-ciência, uma máquina de produzir anjos e quimeras, objectos que são e não são objectos; é uma máquina carnal cujo mistério reside na pele, à flor da pele, e cuja profundidade reside na superfície. A pintura *baralha todas as categorias*, pintura que pensa de um modo necessariamente possessivo e reflecte o próprio gesto de pensar e representar. Pintura e dinâmica de forças e secretas pressões que a consciência não alcança. Um castelo da alma que produz visões, cartas e epifanias, *falsos espelhos* e enigmas.

Zeuxis, dos centauros e de Helena, das Virgens de Crotone (imitação-invenção), não se limita a copiar mas sim a escolher e inventar. Pintara ele também um rapaz com um cacho de uvas e, com tal intensidade e verosimilhança (*indiscreta similitudo?*), que os pássaros apareceram num ápice para roubar e debicar as uvas. Não é um fresco, diria o pintor, mas um rapaz com quem falo e rio e penso, junto a um bando de pássaros famintos. Onde está então a realidade?

Tal como a pintura, marcada por este ficcionamento e jogo de equívocos e aparências, a filosofia está estigmatizada pelo *trompe-l'oeil*, *trompe-raison* (já mostrei uma vez e algures): a razão, o discurso são continuamente enganados pela violência e por um mundo que não controlam, o ser é aparência de ser, a vida é apenas um sonho bem urdido, dizia o filósofo. Bem ou mal urdido, sonho ou pesadelo, ilusão ou não, uma pintura, um texto, uma ideia, são sempre fragmentos de uma fatalmente incompleta e imperfeita autobiografia. O *trompe-l'oeil* surge assim como possibilidade ou virtualidade ontológica, afinidade com o Limite, afinidade com a morte ou aparência que se revela realidade.

– Neste outro *Quodlibet* seiscentista (cfr. Bibliografia final), a variedade de objectos pintados, cartas, cordéis, almanaques e relógios (mostrando tragicamente o tempo que se esvai), junto a tesouras e facas (acentuando simbolicamente a fragilidade da existência), junto a pentes, jóias, bolsas, instrumentos musicais (ou seja, a utilidade e futilidade dos prazeres, a panóplia dos sentidos), tudo reenvia magistralmente ao jogo da verdade e da não-verdade, ao ser e ao não-ser, à retórica da *Vanitas* (como os *Embaixadores* de um outro pintor) e à iconografia dos quatro sentidos. A máscara está igualmente presente, no reposteiro plissado que oculta ou procura esconder, até ao fim, o que poderá ser uma vergonhosa (mas porquê vergonhosa?) panóplia dos pecados humanos (in *Le Trompe-l'Oeil* cit.).

–Um novo *Quodlibet* exhibe uma série de mitemas mais próximos de nós, tais como o inocente retrato de criança com os seus atributos escolares, mas criança que fatalmente um dia entrará no mundo armado e febril dos adultos, da violência que nos assola diariamente através dos ecrãs (e dos ecrãs que passamos a ser), do horror vulgarizado pelas imagens televisionadas que se repetem e banalizam, imagens de um Batman-herói e anti-herói, ou de um Paraíso que deixou (?) de nos pertencer (*Id. Ib.*).

– Um desenho do filósofo Gilles Deleuze (citarei, e unicamente, talvez este nome, que comunga de todos os outros com ou sem nome, mas poderia citar igualmente Steiner, Jaspers, Jankélévitch...), desenho, dizia, que exprime, no seu ateísmo pictórico, quer a tirania do gesto, a abjecção e a brutalidade do rosto desfeito, quer o ímpeto da linha de fuga e do corpo sem órgãos.

– Num segundo desenho do mesmo filósofo, igualmente fasci-

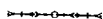
nado pela Imagem, o *Traço* é sempre agitação, estremecimento, nervo ou sensação, poder-se-ia afirmar. As forças de deformação e dissipação que trabalham a Imagem definem pois uma lógica das sensações, o diagrama intensivo que resulta do ritmo ou vibração.

Ora, o paradigma de Zeuxis simboliza bem o ilusionismo estonteante e violento da Imagem. Somos por vezes mónadas mecânicas, sem portas, sem janelas, sem grandes ou nenhuma aberturas, presas a uma *monadologia* mediática que tudo controla, a um mercado único, unívoco e universal que simula e dissimula, uma vez mais fingindo ser o que não é (ou seja, o espaço livre de Hermes) e fingindo não-ser o que de facto é (ou seja, uma arrogante Torre de Babel).

A lógica da violência (que não tem lógica alguma) é o traço atrozmente significante— e demente, nos nossos dias, em que se esperaria uma evolução do homem-camaleão (como apontava um filósofo renascentista), evolução do homo-ludens ou sapiens.

Sapiens... que quer dizer *sentir a fineza dos sentidos*, os perfumes e sabores, ter gosto (Serres- 243).

— E, todavia, o cérebro reptiliano prevalece. Violência que em nome do sentido comporta a radical negação deste, o vazio absoluto, ausência exasperante do sentido: observe-se ainda esta pintura do século XVII, sempre em trompe-l'oeil, que não é contemporânea mas poderia ser, simbolizando a radical nihilização da própria pintura, negatividade e iconoclastia do próprio acto de criar (Vide Infra Biblio.).



Afirmam hoje alguns filósofos que violência e razão é a questão de fundo da contemporaneidade. Resta saber se não será, não terá sido sempre violência *da razão e pela razão, em nome da razão*, em nome da representação, e resta apurar se o “discurso absolutamente coerente” (dizem) da filosofia, paradoxalmente não é aquele discurso mais indiciador e revelador (ou que pode ser revelador) de incoerências, de desrazões. Já não amor de sagesa, filosofia, mas a máquina de guerra, Hybris, o mal radical com que diariamente nos confrontamos. Até porque a razão é *sem porquê*, como a outra rosa, o jogo ainda, o silêncio... Aquilo do qual não se pode falar, *calando-o...* já o sabemos.

Afirmam outros que o homem não é deus, espectro ou símeo, mas “animal dotado de linguagem e razão” (cito) e, por aqui, cabe ao filósofo negar e transformar a negatividade original, “viver na presença do uno” e do “ser que se pensa em liberdade e consciência”. Máximas de acção, talvez, que restam à filosofia, como a noção de *Vernunftig* que não significa somente racional, mas também razoável. Ser soberanamente *razoável*, mesmo no excesso, ou ser espontaneamente, na “realidade do olhar e da presença”, isso poderia constituir a emblemática do filósofo actual (ou in-actual, in-tempestivo, rebelde, filósofo *póstumo* contra a moda do tempo e a favor dos “velhos” modos de ser). Mas Presença de quê?, é afinal e sempre a questão. Presença e permanência do Ser, ou limites do Ser...? Da Relação ou do Ser-Outro?

– O “único” discurso consciente de tais limites, consciência teleológica ou consciência do fim e dos fins, persiste o do Logos filosófico, o qual arrebatava consigo a própria memória, uma memória que sangra e que reflecte todo um exercício de tanatologia, exercício dos limites próprio da filosofia, abarcando tanto uma arte de saber viver como, essencialmente, uma aprendizagem do morrer.

Assim sendo, o acto único e verdadeiramente filosófico, o suicídio, a morte voluntária do profeta Zaratustra, é em si *o acto mais radicalmente coerente*, mais fatalmente determinante, assemelhando-se por vezes ao inominado ou, no final, ao riso de Pantagruel (de alguns ironistas-pragmatistas atrás registados), que tudo mina e subverte.

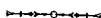
Todavia, o *Devir* da filosofia aposta porventura na Sageza e num outro Logos no limite da linguagem, um Logos não meramente discursivo, mas estético, pictórico e musical. A Música e a Pintura (como matrizes arquetipais de símbolos e imagens e na linha de um agenciamento que poderíamos qualificar de *sísmico*), são então paradigmas de Ser, marcas da “língua originária” (haverá?) e da coisa em si que a razão desconhece.

A filosofia apresenta-se como ficção-filosófica, “produção ficcional”, para uns, lógica da invenção “científica”, para outros, ou talvez mesmo a memória imagética um Funès El Memorioso, que não cessa de fixar imagens – obsessões no seu ínfimo detalhe, écra branco, em aberto, da própria representação.

Podemos aliás divisar e reconhecer também a existência da

grande filosofia deste século nos físicos e astrofísicos, ou nos biólogos como os novos filósofos e alquimistas da vida, ou ainda nos cineastas, pensadores e cenógrafos da obra de arte total. É necessário reflectir sobre um *dever-cinema* do mundo, um devir-imagem pictórica, a utopia (*eutopia*) do falanstério estético em que cada ente se metamorfoseia em Proteu, e Prometeu, prometendo sempre a diferença criadora, o desafio que instaura em cada ser o *poder ser criador*. Semelhante à arte, a filosofia advém “promessa de felicidade” que não se chega a cumprir, ou a “iminência de uma revelação que não se produz”, entre a melancolia e a histeria, e nas fronteiras do inconsciente...

– Neste sentido, possivelmente o *essencial* vai ao encontro do *fundamental*, e o fundamental revela-nos sempre a *artisticidade do pensar*, a vontade de poder ser e criar. Tal como o homem, a filosofia só é filosofia e plenamente filosofia *se jogar* (se se jogar), se jogar o jogo de Aion, da criação, do Ser como Relação, do Ser como jogo (a “destinação” do Ser é apenas essa: uma criança que joga... ou o “Anjo da Obra”/cfr.Infra). O fundamental reside sim numa ética, mas numa *ética transformada em estética da própria vida*.



Duas Hipóteses para concluir, ou não-concluir.

– Primeira hipótese, com um impressionante retrato de um “revolucionário”, em fase terminal: será que a filosofia transforma alguma coisa, r-evoluciona ainda algo, terá revolucionado alguma vez?, questão que a irrisão e a dramaticidade da Imagem, desta imagem final, sublinham e implacavelmente demonstram; contemple-se o olhar-síntoma, dentro e fora de si, tragicamente fora de si (Ver referência final às Imagens).

O *segredo* da filosofia, como o da vida aliás, mais não é do que um segredo de Polichinelo e o *ab-surdo* está já aí, no próprio homem accidental, também fazendo parte de um universo accidental e sempre mais do que improvável, um traço accidental errando à deriva, sem ariana possível, obsessivamente procurando um referente que não existe. Teremos nós ainda algum referente...? (E será preciso tê-lo?).

– Fiquemo-nos (?) por uma segunda hipótese (seria bem mais

encantatória, ou iluminada). Talvez uma questão de *Vis*, de *Virtude teologal*... (ainda?, neste *texto-vida* de intermitências e reticências, poucas essências, muito poucas).

Nos *Cahiers de la nuit surveillé – Cadernos da noite vigiada* (e iluminada), há um filósofo do Rosto que fala da paz de uma humanidade que “optou pela sagesa”, sagesa de uma língua infante, muda, silenciante (sagesa de um *Outro Logos*).

Estamos certamente muito longe e muito perto. Mas a *atitude filosófica* por excelência poderia ser esta, como nos conta um historiador contemporâneo da filosofia: aquele médico, despojado de tudo e de todos, à espera de uma das próximas carruagens com destino a Auschwitz, nem mais, aquele médico que lia e recitava *Pensamentos* de Epicteto e Marco-Aurélio, ganhando com isso, e apenas isso, uma *paz soberana* – para além da paz, para além do medo e da *Condição*. Essa, a atitude filosófica.

Depois de Babel, depois de Zeuxis, resta-nos uma sublime lição de *im-poder*, totalmente gratuita, totalmente solidária e que serve rigorosamente para *nada* (donde, a sua magnificência). Essa é também a “lição” da filosofia, uma “arte escondida nas profundezas da alma humana” – ou do abismo da alma humana...

– O homem poderá ser então uma “criança de Deus” (nesta Imagem) ou um demiurgo desiludido do Além..., mas prevalece enquanto filósofo-artista, não o do Saber-Absoluto mas o “aprendiz do silêncio” e do olhar.

Não o hermeneuta ruminador de olhar pendurado e bovino sobre a obra, em busca de uma qualquer ciência de rigor ou *philosophia perennis* (antes, uma *philosophia-poesis*), mas mais o esteta do pensamento, inventivo e célere, célebre no traço, na rapidez desse traço *arcaico*, combinando o *more geometrico com o more-aesthetico*... (o Witz).

– “O que é” – ou “para onde nos leva” o “Essencial” (?), perguntem-me como temática *essencial* desta comunicação. Porquê o “mysterium tremendum” da Imagem? E poderíamos responder na voz do personagem Lowenstein, um judeu maquinista sem um braço, no filme de Spielberg – *Schindler’s List* ... Dizia ele: “Eu sou um trabalhador essencial”, argumento não convincente pois seria assassinado logo ali, no negro e branco da película, apenas duas vezes coloridas pelo vermelho do casaco de uma menina para quem o *gueto* seria igualmente a “liberdade”...

“O que é Essencial ou O Essencial”?

Residirá no inquietamento ou no aquietamento, na fundura ou na superfície, ou em ambos, no desassossego encantado de palavras e coisas, de imagens que ficam ou de gestos que ficam por fazer?

O essencial residirá porventura naquela imagem de apatia (ou alucinação) do jovem Apolo exterminador, ainda no filme de Spielberg, tocando ao piano uma passagem do Prelúdio da Suite Inglesa em Lá menor de Bach (enquanto tem lugar nesse mesmo sítio a matança e a aniquilação total do gueto), ou residirá *mais* no Paraíso fabricado da fábrica de Schindler, onde ninguém morre, naturalmente? Ninguém lá pode morrer, é isso... ou talvez mais a exibição de um *Lá tragicamente menor*.

“Gostava tanto de estender a mão e tocar-te na tua solidão”, murmura ainda o oficial do Reich à vítima Helen Hirsch ...

O que resta então de essencial, no meio do atroz e do opróbrio de um Tempo sem brio e sem luz? *Será ainda o nosso angustiado Ser e Tempo, do homem que teima em não – Ser (ou que persiste no Não-Ser)...?*

É que a questão talvez esteja na maneira, “mais funda que a matéria”, na maneira de VER, e não tanto de Ser. Por isso mesmo insistimos tanto na complexidade da Imagem, sacrificando o nome.

– Ora, uma filosofia que aponta, imageticamente, as questões de fundo, as questões essenciais e os enigmas de todos os tempos: “Quem somos? Donde vimos? Para onde vamos?” (como no derradeiro *Testamento* metafísico de Gauguin, a reaver no texto final destes ensaios), *essa filosofia é uma filosofia que permanece filosofar...*

Terminamos com uma passagem “relida” do bíblico *Livro da Sabedoria* (I,2) (*perversamente* invertida também por Buñuel, na fala dos ímpios):

“Breve é a nossa vida, e cheia de tristezas
quando chega a morte não há nenhum remédio.
E também não se conhece ninguém que tenha voltado
da habitação dos mortos (...).
Por acaso viemos à existência, e depois desta vida
seremos como se nunca tivéramos sido!
A respiração dos nossos narizes é um fumo,

e nosso pensamento é uma centelha do bater
do nosso coração!
Apagada ela, o nosso corpo voltará ao pó,
e o nosso espírito dissipar-se-à como um
ar subtil.
Com o tempo, o nosso nome cairá no esquecimento,
e ninguém se lembrará das nossas obras.

A nossa vida passará como o rasto de uma nuvem,
desvanecer-se-à como uma névoa, ferida
pelos raios do sol, e que o seu calor desfaz.
A nossa vida é passagem de uma sombra, e o nosso
fim é sem retorno,
porque lhe é apostado o selo e já ninguém volta (...).

Vinde, pois, gozemos dos bens presentes, gozemos
das criaturas durante a nossa juventude (...)
Inebriemo-nos de vinho precioso e de perfumes,
e não deixemos passar a flor da primavera!
Coroemo-nos de botões de rosas, antes que murchem!

(...) Em toda a parte deixemos sinais da nossa
alegria [TRAÇOS e sinais da criação], porque esta
é a parte que nos toca
e a nossa sorte””.

O que importa *preservar* então da filosofia, como da Vida, são
esses *sinais de um Logos estético*, combativo e alegre, “indicador de
civilização”, indicador de UTOPIA e CRENÇA: trata-se ainda e sem-
pre de crença, *fazer de cada homem um criador*.

– E se tiver de existir um novo império, no fim deste século ou
no próximo, que seja finalmente o *Império das Iluminações*.

Carlos Couto Sequeira Costa